

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

LUDMILA SOUZA DE OLIVEIRA

O Nosso Amor a Gente Inventa: um tributo à massa atleticana

MARIANA

2025

LUDMILA SOUZA DE OLIVEIRA

O Nosso Amor a Gente Inventa: um tributo à massa atleticana

Produto apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Cláudio Coração

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48n Oliveira, Ludmila Souza de.
O Nosso Amor a Gente Inventa [manuscrito]: um tributo à massa
atleticana. / Ludmila Souza de Oliveira. - 2025.
53 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Coração.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Clube Atlético Mineiro. 2. Fotografia. 3. Futebol - Torcedores. 4.
Identidade social. 5. Torcedores desportivos. I. Coração, Cláudio. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 796(815.1)Atletico

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ludmila Souza de Oliveira

O Nosso Amor a Gente Inventa: um tributo à massa atleticana

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 05 de setembro de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestra Gabriela Lopes Gomes - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Cláudio Rodrigues Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/02/2026



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/02/2026, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1053025** e o código CRC **AAA82875**.

AGRADECIMENTOS

À cada atleticana e atleticano que escrevem esta história junto comigo. Aos que já se foram. Aos que ainda estão por vir.

Ao Clube Atlético Mineiro, o Galo, por ser um dos elos mais bonitos entre os seres humanos da terra.

À minha tia Daniele da Glória, que é realmente uma glória na minha vida. Sem o incentivo dela não teria embarcado nessa jornada.

Ao meu padrinho Erivan por todos os conselhos que acalentaram meu coração nos momentos mais duros.

À todas as minhas amigas e amigos que me deram e dão forças para seguir nessa longa estrada da vida.

Ao meu orientador Cláudio Coração por acreditar em mim e me dar a liberdade para criar este trabalho.

Por fim, aos meus avós, Sonia e Cláudio que me deram a base para alçar todos os voos que desejo.

*Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar (e cantar e cantar) a beleza de ser um eterno
aprendiz
Ah meu Deus! Eu sei que a vida devia ser bem
melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita*

Gonzaguinha

RESUMO

Mais do que um registro, o fotolivro “O Nosso Amor a Gente Inventa” nasce como tentativa de tocar a alma daquilo que se repete domingo após domingo, mas que nunca é igual: o ato de torcer (para o Galo). Por meio da mobilização dos conceitos de identidade e cultura, que atravessam uma reflexão sobre o futebol moderno, este memorial descritivo busca materializar a obra, que se ancora no reconhecimento do esporte não apenas como prática, mas como fenômeno social e cultural, capaz de mobilizar afetos, memórias e pertencimentos. Um percurso pela história do Clube Atlético Mineiro tenta dar conta da expressão viva propulsora deste trabalho: o torcedor atleticano. Nesse processo, a fotografia surge como ferramenta de reconhecimento da resistência de um torcer que se reconhece como modo de vida.

Palavras-chave: Identidade; Futebol; Clube Atlético Mineiro; Torcedor; Fotografia.

ABSTRACT

More than a record, the photobook “O Nosso Amor a Gente Inventa” is born as an attempt to touch the soul of what repeats itself Sunday after Sunday, yet is never the same: the act of cheering (for Galo). Through the mobilization of the concepts of identity and culture, which traverse a reflection on modern football, this descriptive memorial seeks to materialize the work, anchored in the recognition of sport not only as practice, but as a social and cultural phenomenon capable of mobilizing affections, memories, and belonging. A journey through the history of Clube Atlético Mineiro seeks to grasp the living expression that drives this work: the Atlético fan. In this process, photography emerges as a tool for recognizing the resistance of cheering that acknowledges itself as a way of life.

Keywords: Identity; Football; Clube Atlético Mineiro; Fan; Photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Posicionamento Resistência Alvinegra.....	17
Figura 2 - Sede de Lourdes em 21/11 /2022.....	22
Figura 3 - 20/7/2023	23
Figura 4 - Sede de Lourdes amanheceu pichada com os dizeres "4 RATOS" em 7/7/2024.....	23
Figura 5 - 9/7/2024	24
Figura 6 - Sede de Lourdes 10/7/2024	24
Figura 7 - Sede de Lourdes 1/12/2024	24
Figura 8 - Viaduto próximo a Arena MRV 22/12/2024.....	25
Figura 9 - 28/12/2024	25
Figura 10 - Galo x Tombense – Mineirão – Semifinal do Mineiro 2025	28
Figura 11 - Julia.....	28
Figura 12 - Lunna	29
Figura 13 - Maria Eduarda	29
Figura 14 - Livia.....	30
Figura 15 - Leo e Gabriel	30
Figura 16 - Califórnia Alvinegro	30
Figura 17 - Explosão Mineirão	31
Figura 18 - Vigília 117 anos	32
Figura 19 - Vigília 117 anos	32
Figura 20 - Vigília 117 anos	32
Figura 21 - Galo x Vitória na Arena - a chegada	33
Figura 22 - Galo x Vitória na Arena - saída.....	33
Figura 23 - Galo x Vitória na Arena	33
Figura 24 - De pai pra filho	34
Figura 25 - De pai pra filho	34
Figura 26 - Sion /BH	34
Figura 27 - Califórnia / BH	34
Figura 28 - São Cristóvão / BH	34
Figura 29 - Lourdes / BH.....	35
Figura 30 - Califórnia / BH	35
Figura 31 - Bar do Pelé.....	36
Figura 32 - Bar do Pelé.....	36

Figura 33 - Bar do Pelé.....	36
Figura 34 - Bar do Pelé.....	36
Figura 35 - Bar do Pelé.....	38
Figura 36 - Eternizados no Pelé.....	38
Figura 37 - Bar do Salomão.....	38
Figura 38 - Bar do Salomão.....	38
Figura 39 - Bar do Salomão.....	38
Figura 40 - Bar do Salomão.....	38
Figura 41 - Snook Bar Terraço	39
Figura 42 - Snook Bar Terraço	39
Figura 43- Serrotinhos Bar	40
Figura 44 - Serrotinhos Bar	40
Figura 45 - Bar do Faria	41
Figura 46 - Bar do Faria	41
Figura 47 - Bar do Faria	41
Figura 48 - Bar do Faria	41
Figura 49 - Barraca da Graça / RJ	42
Figura 50 - Aquilombar / DF	42
Figura 51 - O dia em que eu conheci a Arena	43
Figura 52 - Saída da Arena MRV	43
Figura 53 - Saída da Arena MRV	44
Figura 54 - Mineirão na final do Mineiro 2025.....	44
Figura 55 - Rua do Peixe.....	44
Figura 56 - Rua do Peixe.....	44
Figura 57 - Maracanã – Libertadores 2024	45
Figura 58 - Mineirão na semifinal do Mineiro 2025	45
Figura 59 - Mineirão na final do Mineiro 2025.....	45
Figura 60 - Mineirão semifinal Campeonato Mineiro 2025.....	46
Figura 61- Final da Libertadores 2024	46
Figura 62 - Vigília de 117 anos.....	47
Figura 63 - Galo Doido na Vigília de 117 anos	47

SUMÁRIO

O NASCIMENTO DE UMA PAIXÃO	10
1. ALICERÇANDO O PROJETO	12
1.1 Identidade e cultura	12
1.2 O tal do Futebol Moderno	15
2. CAM.....	20
2.1 A mística	20
2.2 A SAF(adeza).....	21
3. MÃO NA MASSA	27
3.1 As andanças	28
3.1.1 A pureza da resposta das crianças	28
3.1.2 “Eu dou a volta, eu pixo o muro”	35
3.1.3 “Eu tomo todas numa boa”	36
3.1.4. “E vou torcer para o Galo”	44
‘CAMclusões’	50
REFERÊNCIAS	53

O NASCIMENTO DE UMA PAIXÃO

Cursar jornalismo nunca foi um planejamento ao longo da minha vida, apesar do prazer pela comunicação e da afinidade com fotografias. Surpreendi-me positivamente quando ingressei nessa jornada acadêmica cheia de possibilidades. Em especial durante a disciplina de Estudos da Linguagem, ministrada pelo professor Cláudio Coração, lá no começo do curso, quando entendi o poder da palavra “linguagem”. Que não se limita ao mero uso das palavras, mas se refere a todo o sistema simbólico do qual eu faço parte e me coloco como sujeito no mundo. O futebol é um desses sistemas.

O povo brasileiro é uma nação profundamente conectada com o futebol, seja como jogador, torcedor, espectador, através da mídia ou nas interações sociais. Neste sentido, o jornalismo esportivo, pelo qual eu tenho muito apreço, opera como um movimentador de dinâmicas cotidianas que traz à tona três esferas: o jornalismo, o esporte e o torcedor. Sendo a última o foco principal deste produto.

É datado em 12 de outubro de 2002, às seis horas da manhã, o nascimento de uma paixão incomensurável, que vinte e dois (quase vinte e três) anos depois resultaria na execução deste trabalho. A minha paixão pelo Clube Atlético Mineiro.

Vinda de uma família de atleticanos, com exceção da dona Sonia Maria, minha avó, que o próprio nome já sugere qual é o time dela, torcer para o Galo é, antes de tudo, minha condição de existência. Não me apegarei aos rígidos conceitos de “amor” ou “paixão”, como torcedora estou mais inclinada aos versos do cronista Roberto Drummond:

A gente muda de tudo na vida. Muda de cidade. Muda de roupa. Muda de partido político. Muda de religião. Muda de costumes. Até de amor a gente muda. A gente só não muda de time, quando ele é uma tatuagem com a iniciais C.A.M., gravada no coração. É um amor cego e têm a cegueira da paixão. (Drummond, c. 1985)

As palavras de Drummond, imortalizadas na história do time, povoam o imaginário acerca da maior e mais tradicional torcida de Minas Gerais, a do Galo. Nem mesmo os atleticanos são capazes de explicar esse sentimento desmedido, mas o externalizam de várias formas, dentro e fora de campo e é sinônimo de identificação de nossa torcida, como cantado pela multidão:

*Uma torcida apaixonada
Minas Gerais está tomada
Galôooo
É o time de Massa*

Não é à toa que a massa atleticana tornou-se a referência que é hoje no Brasil. A História do Clube Atlético Mineiro confunde-se com a História de Belo Horizonte. Fundado em 1908, pouco após a fundação da cidade, os dois cresceram juntos. O sentimento também foi aumentando, e não só na “alegria nas vitórias”¹. O Galo trouxe um sentimento de pertencimento para as pessoas. Que muito além de um time de futebol, construiu uma identidade, que se espalhou não só por BH, mas pelos quatro cantos do Brasil.

Uma torcida que grita, que chora, que xinga, que vibra, que sofre, que opina sobre tática mesmo sem entender sobre, que acredita no impossível e que melhora sua vida quando o time ganha.

Nos bares, nas casas, nas ruas e no coração de cada alvinegro, o sentimento de amor à camisa resiste há 117 anos, o atleticano torce contra o vento². E esses espaços munidos de vida constituem memórias e relações identitárias que darão origem ao livro fotográfico “O Nosso Amor a Gente Inventa”.

A fotografia foi um meio escolhido estrategicamente, já que é capaz de superar o déficit da alfabetização brasileira³. As imagens têm o poder de driblar o texto escrito, o que, nesse caso, é muito importante, porque como diria Fred Melo Paiva “o Atlético é isso: a Serra e o Complexo da Serra, o Mangabeiras e o Cafezal” (Paiva, 2013, p.26).

Minha observação e participação da torcida, traduzidas em fotos, buscam proporcionar uma experiência de fruição estética ao leitor que produza sentido sobre a massa atleticana. As páginas abrigarão o torcedor atleticano de maneira fluida e sensível, em suas mais diversas manifestações. Letras de canções também farão parte do livro, já que, além de símbolo da torcida, são importantes mediadoras de sensações. Como atleticana, tenho muito orgulho de fazer parte dessa história que não para de ser escrita.

¹ Trecho do hino oficial do clube, composto por Vicente Motta na década de 1960.

² A frase do cronista Roberto Drummond tornou-se uma das mais conhecidas definições da paixão atleticana. Mais do que uma metáfora futebolística, ela expressa a identidade de um torcedor que não se mede pelo resultado, mas pela fidelidade incondicional.

³ Dados do censo de 2022 apontam que dentre as 163 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade, 151,5 milhões sabiam ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabiam. Esses números representam, uma taxa de 93% de alfabetização e alarmantes 7% de analfabetismo entre essa população.

1. ALICERÇANDO O PROJETO

1.1 Identidade e cultura

O bonito do atleticano é o delírio coletivo que ele provoca. Se existe algo que representa tão bem a identidade coletiva é a torcida do Galo. Nossos mais sinceros sentimentos individuais transformam-se num grito uníssono - “Lutar, Lutar, Lutar” - que parece, naquele momento, extinguir toda e qualquer diferença existente no mundo real. Explicar tamanha devoção permanece um mistério, mas é certo que não gostamos de futebol, gostamos do Atlético.

Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, entende-se que as identidades culturais não são estáticas, mas sim construídas por meio de interações simbólicas. As culturas nacionais ao produzir sentido sobre a nação (que aqui se refere a qualquer agrupamento humano), sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

À luz das ideias de Stuart Hall, sociólogo jamaicano que foi propulsor desta corrente de estudos, a nação enquanto sistema de representação cultural busca mecanismos de reconhecimento na linguagem. No futebol, este cenário não é diferente, praticado coletivamente, ele não se restringe aos acontecimentos demarcados pelas quatro linhas do campo. Do outro lado encontramos a torcida, um grupo de sujeitos que compartilha do mesmo amor.

“Alguém liga a televisão, que agora mostra futebol; antecipa o que virá amanhã. Então todos os olhos vão para o vídeo e homens e mulheres parecem sair de dentro de si, para viver afinal, algo coletivo” - assim o jornalista e escritor João Antônio descreveu o clima de um clássico Galo x Cruzeiro em “É uma Revolução”. E esse clima caracterizado por foguetes, bandeiras, gritos aos quatro cantos, camisas nas ruas e o “império de uma energia caótica” não permite escapar dos arrebatamentos nem mesmo aqueles que odeiam ou tentam permanecer alheios ao futebol. Indo ao encontro da ideia de um dos mais notórios pesquisadores sobre futebol, Roberto Damatta (1994) que enxerga o esporte como promotor de identidades individuais e coletivas.

Muito além das reuniões em casas, bares e estádios, a torcida pode ser vista como uma comunidade simbólica, que compartilha o sentimento de pertencimento na veneração ao time do coração. Isso explica seu poder para gerar um sentimento de identificação e lealdade (Hall, 2006). Damatta acredita que a maneira como o futebol é praticado - em equipe - permite retomar no campo do simbólico a ideia de uma coletividade exclusiva (como uma família), com a qual

são construídos vínculos insubstituíveis de amor, suor, sangue e lágrimas. Como é possível perceber nos versos da Galo Rock Band:

Atlético

Gostamos muito de você

A alegria de viver

Quando te vemos vencer

Entidade

Venerada por milhões

Contagando multidões

De gerações a gerações

Sentimento

De amor sincero ao Alvinegro

Das Alterosas sou mineiro

Minas Gerais nosso terreno

A torcida se reconhece através dos acontecimentos ao longo do tempo. A vitória do time, a derrota do adversário, as conquistas e as glórias, desenhando assim Histórias sobre essas memórias que originam uma identidade. Damo (2002) chama tal sentimento de ‘pertencimento clubístico’. Segundo o autor, o futebol funciona por meio de um sistema de lealdades. Torcer é sinônimo de pertencer e pertencer é ser leal ao clube.

Iniciada em 1908, a História do Atlético anda junto com a de Belo Horizonte, como já mencionamos. A capital, fundada em 1897, nascia praticamente do nada com uma proposta de modernização, mas ainda de maneira muito lenta e tímida. Eram escassas as opções de lazer que gerassem um sentimento de pertencimento e identidade às pessoas que ali habitavam.

Quando as primeiras experiências em torno da prática do futebol se iniciaram na capital mineira, esta era uma cidade em construção. Ao contrário de suas congêneres, não havia ali qualquer tradição esportiva, seja na prática do turfe, do remo, do ciclismo ou de outra modalidade atlética. Sua população tinha perfil singular, com visão provinciana e pequena presença de estrangeiros, especialmente de ingleses. (Ribeiro, in: Silva; Debortoli; Da Silva, 2012, p. 105)

No ano de 1904, o carioca Vitor Serpa, que aprendeu a jogar futebol quando estudava Direito na Suíça, apresentou o esporte à capital mineira. A partir daí foram fundados os primeiros clubes de Belo Horizonte. Neste ponto, é interessante perceber que as ideias de Stuart

Hall são reforçadas mais uma vez. O autor de *Identidade Cultural na Pós Modernidade* observa as relações identitárias levando em consideração fatores como globalização, a cultura nacional e a influência do Estado. Para ele, a identidade na pós-modernidade não é fixa, podendo variar em diferentes momentos da História.

Não demorou para que o futebol fosse modificado na nova metrópole. Para participar dos jogos eram necessários indicação e pagamento e, por isso, ainda era restrito às elites econômicas da época. Em 1907 todas as equipes criadas três anos antes foram extintas.

O futebol parecia não ter fôlego para se sustentar em Belo Horizonte. Até que em 25 de março de 1908 um grupo de estudantes que costumavam se reunir para jogar bola, decidiram levar a brincadeira a sério e fundaram o *Athletico Mineiro Football Club*. Que quatro anos mais tarde se tornaria o Clube Atlético Mineiro.

A jovem capital era fortemente marcada por diferenças sociais. De um lado, os grandes aristocratas, do outro a população atraída para o antigo arraial em busca de trabalho nas construções civis. Sendo aberto a qualquer um que se inscrevesse, desde o começo, o Atlético se identificou com as partes mais populares da cidade. Ainda que também tivesse torcedores da elite.

Mesmo assim, não é uma tarefa fácil entender a transformação do Atlético no “time de massa”. Dentre o grupo de estudantes que o formou, estavam notórias famílias belo-horizontinas da época, sendo assim a origem do time pode ser considerada elitista. Aqui, novamente se reforça a ideia de Stuart Hall. As identidades como fluídas ao longo do tempo.

Houve uma ruptura de discursos que culminou na imagem que a torcida atleticana tem hoje. As representações do Atlético ao longo dos anos também podem ser vistas como responsáveis por atrelar esse caráter popular ao time. As cores, o hino, os cânticos, a ligação com o samba⁴, o mascote e a massa nas arquibancadas.

Tanto Belo Horizonte como o Atlético passaram por diversas mudanças significativas ao longo da História. Quando falamos em identidade é importante entendermos, também, o tempo e espaço em que elas estão situadas. O Galo, como ficou conhecido a partir da década de 1930, depois da criação do mascote pelo cartunista Mangabeira, tem hoje torcedores espalhados pelos quatro cantos do país e até fora dele (haja vista a Galoucura USA).

⁴ “Vou Festejar”, composição de Jorge Aragão, imortalizada na voz da madrinha Beth Carvalho, foi adotada como canto pela torcida em 1978, ano de seu lançamento, e hoje é considerada segundo hino do clube.

1.2 O tal do Futebol Moderno

No dia quatro de setembro de 2024 me deparei com a (triste) notícia que o tradicional Mercado Central de Belo Horizonte teve seu direito de nome comprado por uma casa de apostas. Lamentável, um cartão postal da cidade, repleto de memórias sendo entregue ao inabalável capitalismo. A Arena do Galo já nasce dentro desse modelo, nesse caso os *naming rights* são da construtora MRV. A apropriação de espaços que são sinônimos de identidade pelas grandes empresas é um fenômeno avassalador que ganha cada vez mais força no século XXI.

O estádio Antônio Carlos, o Mineirão, ou salão de festas do Galo, fundado em 1965, foi um marco na história de Belo Horizonte que ainda carregava fortes traços provincianos. Um estádio com aquelas proporções abriu portas para que a capital desse um salto para significativas mudanças na estrutura social. A população trabalhadora cresceu, assim como a classe média. “Depois do Mineirão, até a crônica esportiva de Belo Horizonte mudou.” (Antônio, 1975, p. 126). Segundo João Antônio, até os mascotes desenhados por Mangabeira, anos antes, ganharam uma força nova, conquistando em definitivo o domínio público e o arsenal linguístico dos demais jornalistas.

Durante 45 anos, o Gigante da Pampulha (como é carinhosamente chamado pelos belo-horizontinos) foi casa de uma efervescência que incluiu sujeitos ensandecidos, bandeirinhas e bandeirões, radinho de pilha, copo de cerveja e de xixi sobrevoando nossas cabeças. Palco da maior rixa da cidade. Em se tratando de Clube Atlético Mineiro, casa da massa apaixonada, “massa” que não tem sentido sociológico, mas que faz referência a diversa e popular torcida atleticana. No Mineirão, tal qual o Mercado Central, foram construídas memórias e fortalecidas identidades individuais e coletivas.

Infelizmente, a reforma sofrida em 2010 para receber a Copa do Mundo de 2014, desencadeou no espaço um fenômeno que conhecemos hoje como arenização. Fenômeno este que transcende a reestruturação do espaço físico, mas também dita uma espécie de controle psicológico e comportamental, que cabe naquele espaço. Gustavo A. Bandeira no livro *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*, traz uma análise de como o fenômeno da arenização, iniciado na década de 1990, e catalisado na Copa do Mundo de 2014, impacta nas relações culturais do torcer. “Desde o final dos anos 90 iniciamos nossa onda de ‘modernização’ dos estádios seguindo os ditames da FIFA e as novas tendências de converter o público ruidoso, móvel e imprevisível, em massa comportada em seus assentos” (Bandeira, 2019).

Gustavo Bandeira, torcedor do Grêmio, também fala sobre seu sentimento de estranheza ao conhecer a Arena do Grêmio, substituta do Estádio Olímpico Monumental. Ele usa a palavra

“turistas” para descrever as figuras que estampavam a nova arena, muito contrastantes com as do antigo Monumental. Em julho de 2011, Fred Melo Paiva escreveu uma “vaia para os corneteiros” em protesto a alguns frequentadores do novo Mineirão que vaiavam o Galo. O autor explicita total desprezo a estes sujeitos, que antes da reforma passavam despercebidos naquele espaço. “Vaia o time é coisa de cruzeirense”.

Em 2023, depois de vários entraves que serão abordados mais à frente, foi inaugurada a Arena MRV, a nova casa do Galo. A mais moderna arena de futebol da América do Sul⁵. Com capacidade para 46 mil torcedores, a arquitetura do estádio é semelhante a um caldeirão, com 8,5 metros de distância das cadeiras ao campo. Estacionamento com 2.334 mil vagas, 42 bares e 112 camarotes. Uma arena multiuso.

No palco de nossos triunfos futuros tivemos até uma cerimônia de inauguração de marejar os olhos que reuniu as maiores lendas da história do Clube Atlético Mineiro, cito Ubaldo Miranda, Reinaldo, Ronaldinho Gaúcho e (são) Victor. Coisa linda! Salvo pelo valor de seiscentos reais cobrados nos ingressos. Ali tivemos um adiantamento de que o preço de um novo estádio era caro, em todos os sentidos da palavra.

A primeira vez que eu conheci a Arena MRV foi no dia 26 de novembro de 2023, num confronto entre Galo e Grêmio pela 35ª rodada do campeonato brasileiro. Fui sozinha. Fiquei impressionada com a magnitude da construção que carrega todos os símbolos possíveis que representam o time. Até o entorno da Arena é totalmente grafitado por atleticanos, o Califórnia (bairro que sedia a empreitada) é Alvinegro. Tal qual Gustavo Bandeira, fiquei um pouco incomodada com o excesso de flashes, mas tudo bem, o setor que eu estava era onde fica a Galoucura e na Galoucura ninguém fica em silêncio, é apoio por 90 minutos. Na ocasião o Galo venceu por 3x0 e arrisco dizer que foi o melhor jogo do campeonato. Ainda bem, já que a latinha de cerveja de 350ml me custou R\$12. A gente se sacrifica pelo Galo.

É certo que o atleticano não mede esforços para acompanhar o Galo. Compra artigos quase sempre originais, presenteia pessoas queridas com a camisa, se desloca por quilômetros e quilômetros para ver o time em campo, paga preços altos nos ingressos. Em dia de jogo estoura o limite do cartão de crédito, seja dentro ou fora do estádio. Em maio de 2024, Pedro Leitte, jornalista da Itatiaia, escreveu uma matéria detalhando o lucro do Atlético com a venda de comes e bebes na arena⁶. Em 20 jogos disputados lá dentro, 675 mil torcedores consumiram

⁵ Fonte: <https://atletico.com.br/institucional/patrimonio/arena-mrv/>

⁶ Fonte: <https://www.itatiaia.com.br/esportes/futebol/atletico/2024/05/22/atletico-detalha-lucro-milionario-com-venda-de-alimentos-e-bebidas-na-arena-mrv>

mais de 1,5 milhão de produtos nos bares e restaurantes. Gerando R\$5,2 milhões para o Galo. O produto mais consumido, foi a cerveja, é claro. Mais de 900 mil latinhas, é de se arrepiar.

Dados os números, tudo muito bem, salvo o destaque que os “corneteiros” que iam ao time começaram a receber. Um cenário pavoroso. Torcedores de sofá sendo cada vez mais notados, muito em função do preço dos ingressos fora de qualquer realidade, até da massa atleticana: o próprio desenho da arenização no que diz respeito à elitização e contenção do público torcedor.

Feita essa ressalva, as coisas iam caminhando. Às vezes mais ou menos, às vezes ruim - aqui me refiro tanto ao desempenho do time, quanto alguns retratos da arena. Até que no fatídico dia 8 de agosto de 2024 me choquei com a notícia de que um torcedor foi expulso do setor de cadeiras cativas. O motivo? Estava torcendo. A justificativa dada foi “conduta indevida” e algumas outras pessoas alegaram que ele estaria cuspingo cerveja, mas disso não se tem registro. Esse torcedor era um senhor chamado Reginaldo. Negro e em situação de rua, sempre dormia nos entornos da arena em dias de jogo, até que um dia ganhou um ingresso de um torcedor que não poderia comparecer na partida naquele dia. Ele estava realizando o sonho de conhecer a casa do clube do coração.

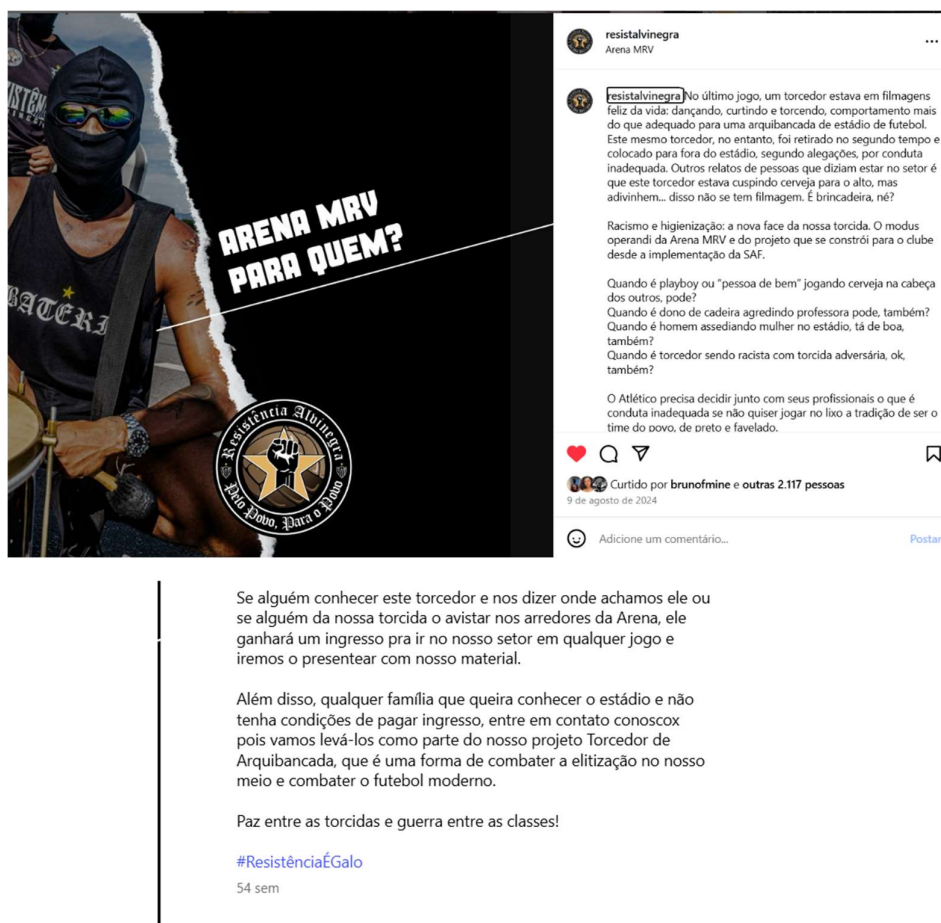
No momento em que vi o vídeo dele torcendo muito feliz, eu chorei, chorei muito. Depois do sentimento de tristeza, veio a raiva. Raiva e total desprezo às pessoas que o cercavam olhando com cara de incômodo. Eu não queria aceitar que a casa do mais popular clube de Minas Gerais fosse palco daquela cena. Me questionei muito sobre a “Seleção do Povo”. E ali pensei que já não gostaria de abrigar registros da arena dentro do livro. Entretanto, os desdobramentos que essa atrocidade teve me fizeram acreditar mais uma vez no poder do verdadeiro torcedor do Galo.

Foi iniciado um movimento muito forte nas redes sociais com o intuito de localizar Reginaldo e tentar compensá-lo pela violência sofrida. Várias torcidas organizadas se prontificaram a levá-lo nos jogos e doar materiais. O próprio Hulk, nosso ídolo, o convidou para assistir um jogo em seu camarote. Graças à pressão da massa, o Atlético recuou no posicionamento vergonhoso e admitiu o erro da segurança no local. O Instituto Galo propôs o acolhimento social a Reginaldo, com a participação de um assistente social e um psicólogo. O mínimo. Felizmente, Reginaldo foi encontrado e começou a receber este acolhimento.

A Resistência Alvinegra, notória torcida antifascista do Atlético, levantou a discussão da arenização mais uma vez. Em um post do Instagram (logo depois do ocorrido) lia-se “Arena MRV pra quem?”. Na legenda, um texto falando em racismo e higienização - “o modus operandi da Arena MRV e do projeto que se constrói para o clube desde a implementação da

SAF”. Também são questionados outros episódios de violências, neste caso cometidos pelos próprios torcedores dentro do estádio, mas que não foram interrompidos ou punidos. A Resistência também reafirmou o seu compromisso em combater a elitização da nossa torcida e o futebol moderno com medidas efetivas. O post se encerra com os dizeres “paz entre as torcidas e guerra entre as classes”.

Figura 1 - Posicionamento Resistência Alvinegra



Fato é que, depois de Reginaldo, vários movimentos lindos começaram a tomar conta da nossa casa. “A favela voltou”, assim chamou a Galoucura o retorno de um retrato que não estávamos vendo antes, torcedores de verdade, que vão ao estádio para apoiar o Galo os noventa minutos, nada de vaia. Nessa época, sinalizadores espalhados por todos os setores viraram uma marca registrada nos jogos disputados em casa. Pregava-se que arquibancada é lugar de festa.

Não existe um manual do torcedor, somos a massa, mas somos a massa em sua total heterogeneidade. Somos time de preto e de favelado, e a coletividade e “união sinistra” que temos é que nos dá essa identidade. O Galo é o time do povo. Ainda que a modernidade tente

mascarar isso. As páginas vão abrigar sim registros de dentro da Arena, afinal como disse Paulinho “é a nossa casa”.

2. CAM

2.1 A mística

Até aqui, o que nos guiou foi o entendimento do futebol como importante fenômeno cultural no Brasil. É certo que os processos de identificação proporcionados pelo esporte podem ser facilmente aplicados a vários clubes de futebol, e por isso, pode vir à tona o questionamento da escolha do objeto central deste produto: “a massa atleticana”. Quanto a isso, farei o uso das palavras do pesquisador Idelber Avelar (imortalizadas por um dos mais importantes jornalistas esportivos do Brasil, Armando Nogueira):

Torcidas, haverá as mais numerosas (Flamengo) ou mais conhecidas por sua grandeza (Corinthians), mas nenhum séquito futebolístico brasileiro se compara a massa do Clube Atlético Mineiro em mística apaixonada, em anedotário heróico, em poesia acumulada ao longo dos anos. “A Massa”, como é simplesmente conhecida em Minas Gerais, compartilha com a torcida corintiana (“A Fiel”) a honra de deixar-se conhecer com um substantivo ou adjetivo comum transformado em nome próprio, inconfundível. A Fiel, A Massa: poucas outras torcidas terão realizado tal operação de mutação de um nome comum em nome próprio. No caso do atleticano, a alma do time não é senão a alma da torcida. (Avelar apud. Nogueira, 2006)

Na publicação intitulada “A Massa”, o autor faz uma reflexão sobre a formação de outras torcidas. Palmeiras, Cruzeiro, Vasco são conhecidas por suas origens étnicas. Flamengo, Fluminense, Grêmio e São Paulo, por sua origem social. Algumas até mesmo por seu crescimento a partir de uma grande fase do time, como é o caso do Santos. Já no caso do Atlético Mineiro, qualquer menção a torcida evoca, invariavelmente, a substância mesma que constitui o torcer. O amor ao time na vitória e na derrota, o apoio incondicional, a garra, a crença de que sempre é possível reverter um resultado (Avelar, 2006).

Nesse sentido, não poderia deixar de citar o dia 27 de novembro de 2005. Na ocasião, um empate por 0 a 0 com o Vasco, no Mineirão, sacramentou o rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. A reação da torcida depois do apito final foi aplaudir de pé e entoar o hino em reconhecimento ao esforço da equipe. O narrador João Guilherme e o comentarista Bob Faria, que estiveram à frente da transmissão televisiva, pareciam não acreditar na reação da massa. “A torcida do Atlético é a razão de ser do time, a despeito de uma série de equívocos, a despeito de um índice alto de mediocridade que acompanhou o Atlético durante o Campeonato Brasileiro. A torcida é maior do que isso, o clube é maior do que isso. O Atlético vai sobreviver à segunda divisão, como sobreviveu o Botafogo, como sobreviveu o Fluminense, o Palmeiras. O Atlético vai sobreviver, não sobreviveria se perdesse o apoio de sua torcida, isso está provado que não vai perder”, comentou Bob.

O ano seguinte foi uma verdadeira temporada no inferno. Mesmo na segunda divisão, tivemos com muita folga o posto de maior média de público como mandante⁷ em todas as séries do Campeonato Brasileiro 2006.

Estamos diante de uma torcida que une diferença e conjunto em prol de um mesmo objetivo. Que consegue de forma singular as mais ricas interações dialéticas. E é nessa dialética que sua identidade foi forjada.

“Ser atleticano é ser intrépido, gentil, solidário, engraçado, triste, alegre, mal-humorado, gozador, inteiro, estilizado, criança, adulto, esclerosado, homem, mulher, pobre, rico, remediado. Pai-de-santo, pastor, ateu e até cardeal. Moreno, louro, vermelho, amarelo. É preto e branco!” (Oliveira, in: Galuppo, 2003)

As cores em preto e branco que aliam o contraste e a tradição. O mascote, Galo Forte Vingador. O hino “Lutar, Lutar, Lutar”, com muita raça e orgulho pra vencer”. São muitos os símbolos que sugerem tamanha adesão popular do time. É certo que aqui são apenas sugestões, uma vez que, entender a transformação do Atlético em “fenômeno de massa”, demanda refinados estudos sociológicos que não serão desenvolvidos neste trabalho.

2.2 A SAF(adeza)

Até aqui muito falou-se sobre a dita “atleticanidade”, o ato de torcer incondicionalmente para o Galo. Mas para avançarmos até o nascimento da ideia do livro “O Nosso Amor a Gente Inventar”, é preciso que façamos um preâmbulo da situação política e econômica que atravessou o Atlético nos últimos anos.

A transformação dos clubes de futebol em empresas, as ditas Sociedades Anônimas de Futebol (SAF’s), é uma tendência que ganha cada vez mais força no futebol moderno⁸. No Atlético, foi um divisor de águas na nossa História, e por isso um ponto importante na concepção deste trabalho.

No ano de 2020, os atuais sócios majoritários da SAF do clube (à época associação civil), conhecidos como 4R’s (Rubens Menin, Rafael Menin, Ricardo Guimarães e Renato Salvador), entraram como “mecenaz benevolentes”⁹ no jogo. Aqui, o uso das aspas porque o processo todo até a concretização da SAF, em 2023, aconteceu sem qualquer transparência e diálogo com a alma do time: a massa.

Em 2020, ano de pandemia, com a roupagem de mecenato, os 4R’s fizeram um aporte de mais de R\$100 milhões no Clube, o que proporcionou a conquista do tão sonhado

⁷Fonte: <https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,AA13716694400,00.html#:~:text=A%20m%C3%A9dia%20do%20Galo%20foi,de%2022,949%20pagantes%20por%20partida>.

⁸ A segunda atualização do mapeamento das SAFs, divulgada pelo Portal Migalhas em agosto de 2025, revelou que o Brasil já possui 117 clubes oficialmente registrados como Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

⁹ Fonte: <https://trivela.com.br/america-do-sul/libertadores/reerguidos-empresarios-palmeiras-atletico-decisao/>

Campeonato Brasileiro no ano seguinte e de quebra uma Copa do Brasil. A questão é que fomos campeões em 2021 com um time financeiramente insustentável para os cofres do clube.

Pensem também na Arena MRV, um outro projeto político. O terreno escolhido para a obra era, em tese, de difícil aproveitamento imobiliário, por se tratar de uma Áreas de Proteção Permanente (APP), com nascente de água e fauna ameaçada de extinção. No entanto, graças ao argumento do “interesse social”¹⁰ (justificativa de que o estádio seria para benefício da cidade e do torcedor atleticano) os entraves ambientais e burocráticos foram removidos por articulação política com a Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH) e o governo estadual. O terreno, então, foi “doador” ao clube, num gesto que soava público, mas que, no fundo, beneficiava um projeto privado em curso.

O estádio foi apresentado ao Conselho Deliberativo do clube como uma obra segura, com financiamento estruturado, garantias contra aumento de custos e impacto mínimo sobre as já fragilizadas finanças do Atlético. A realidade, porém, foi outra: os custos da Arena saltaram de cerca de R\$ 500 milhões para quase R\$ 1 bilhão¹¹, sem que houvesse seguro ou mecanismos de contenção. Quando isso aconteceu, o Conselho já estava politicamente dominado por apoiadores do grupo de empresários conhecido como os “4R’s”, e não ofereceu resistência. A estrutura de poder dentro do clube havia sido reformulada: os antigos conselheiros perderam espaço, e os novos protagonistas tomaram as rédeas das decisões estratégicas.

Os mesmos empresários, que inicialmente se apresentavam como mecenas, participaram de todo o processo de *valuation* (avaliação de quanto o clube vale), de todo o processo de venda e decidiram, praticamente sozinhos, quem seriam os compradores. Eles mesmos. A Arena, então, transformou-se de um patrimônio construído “para o clube” em um ativo que passou a servir à lógica empresarial dos novos donos.

Em novembro de 2023, o Conselho Deliberativo do Clube Atlético Mineiro aprovou a venda de 75% da SAF à Galo Holding, que tem Rubens Menin, Rafael Menin, Ricardo Guimarães e Renato Salvador como acionistas majoritários. Em outras palavras, os 4R’s se tornaram donos do Clube, agora oficializados.

Na coluna “Nova SAF do Galo é um 'case' para o futuro”¹², de Fred Melo Paiva (2023), o autor ironiza essa transformação do clube de patrimônio coletivo para ativo privado. “Se os

¹⁰ Fonte: [Governo de MG decreta estádio do Atlético como projeto de interesse social - 24/11/2018 - UOL Esporte](#)

¹¹ Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2023/08/22/arena-mrv-como-estadio-do-atletico-mg-superou-r-1-bilhao-de-custo-para-construcao.gh.html>

¹² Fonte: <https://sl1nk.com/E4ut3>

mecenas de Michelangelo fossem os mecenas do Galo, teriam terminado donos do Vaticano e da Igreja Católica”.

Para se ter uma noção, em 2019, no último Conselho Fiscal antes dos 4R's começarem os investimentos, a dívida do Atlético era de R\$746 milhões¹³. Hoje, estima-se que a dívida ultrapassa os R\$2 bilhões¹⁴ (incluindo a da associação civil Clube Atlético Mineiro quanto as geradas pela construção da Arena MRV).

O Atlético teve uma das maiores receitas de bilheteria e de premiações do futebol brasileiro em 2024¹⁵. Mas esse número não refletiu numa amortização mínima da dívida, no reforço do plantel, tampouco no equilíbrio das contas. Ao contrário, o cenário que imperou em 2025 foi de atraso salarial, FGTS e direito de imagem dos jogadores. Tivemos de lidar com Rony, artilheiro da equipe, processando o time e pedindo rescisão de contrato. E certo por sinal.

Às margens de todo este cenário de devastação, o que o Galo tem de mais valioso: a massa. A Camisa 12, imortalizada na história do Clube Atlético Mineiro. Carregar a mística de ser atleticano envolve também a cobrança. É dever cobrar incessantemente os donos da SAF para que o Atlético siga vivo e para que compromissos sejam cumpridos. E esse papel, a massa fez e continua fazendo.

Figura 2 - Sede de Lourdes em 21/11 /2022



Fonte: Reprodução / Cadu Passos

¹³ Fonte: <https://www.lance.com.br/atletico-mineiro/atletico-tem-aumento-receitas-mas-deficit-balanco-2019-com-divida-into-para-746-milhoes.html>

¹⁴ Fonte: Relatório aponta dívida do Atlético-MG em R\$ 2,3 bilhões

¹⁵ Fonte: <https://www.lance.com.br/atletico-mineiro/atletico-mg-teve-recorde-de-faturamento-com-premiacao-em-2024.html>

Figura 3 - 20/7/2023



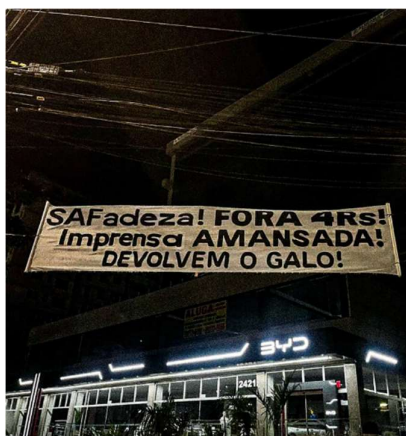
Fonte: Reprodução / Cadu Passos

Figura 4 - Sede de Lourdes amanheceu pichada com os dizeres "4 RATOS\$" em 7/7/2024



Fonte: Reprodução / Redes sociais

Figura 5 - 9/7/2024



Fonte: Reprodução / Redes sociais

Figura 6 - Sede de Lourdes 10/7/2024



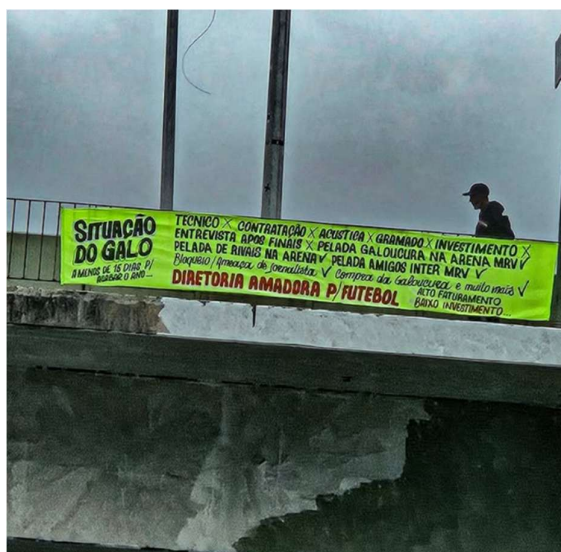
Fonte: Reprodução / Redes Sociais

Figura 7 - Sede de Lourdes 1/12/2024



Fonte: Reprodução / Redes Sociais

Figura 8 - Viaduto próximo a Arena MRV 22/12/2024



Fonte: Reprodução / Redes Sociais

Figura 9 - 28/12/2024



Fonte: Reprodução / Redes Sociais

3. MÃO NA MASSA

Feitas todas as contextualizações, trago à tona mais uma vez o propulsor deste trabalho: o meu lado torcedora. A elaboração do produto “O Nosso Amor a Gente Inventa”, parte do meu interesse enquanto torcedora e estudante de jornalismo, em conseguir compreender dentro desta segunda esfera o ato de ser atleticano.

Fugindo do rigor que o ambiente corporativo me exige, a academia me abriu portas para que pudesse então pensar em um trabalho que dissesse sobre mim. Afinal de contas, seria um longo ano me debruçando sobre aquilo que escolhi fazer.

Ainda que munida de tal liberdade criativa, como um material jornalístico, fez-se necessário um compromisso com a factualidade. Factualidade que aqui se chocou com uma peculiaridade muito grande da torcida do Atlético: a sua subjetividade. Já que a massa é produto das diferenças de seus componentes.

Pois bem, sabia que queria produzir um material sobre o Clube Atlético Mineiro, mas o que exatamente, ainda era um caminho nebuloso. Como jornalista, tinha o dever de refletir o meu produto no tempo e espaço que me encontro. E bem, em 2024, no auge dos meus vinte e pouco anos, sabendo do histórico do meu time, as coisas não iam/vão muito bem.

De 2013 até 2021, colecionamos títulos. Libertadores, Copa do Brasil, Recopa, Supercopa e o Brasileiro que não comemorávamos há 50 anos. Parecia ser um tempo de redenção pelos amargos roubos de arbitragem que por vezes nos tiraram o caneco e pelos singelos títulos que conquistávamos ao longo dos anos. Vimos o tal “Real Madrid da Pampulha” definhar. Foi uma era incrível.

De repente, tudo parecia estar tomado por um jogo político cruel que chegou para aniquilar o torcedor atleticano de vez. Sucateamento do elenco, crime arquitetônico da arena, crescimento da dívida, uma base desastrosa, um time feminino rebaixado sem ganhar um jogo sequer. E pior, tendo que engolir através da grande mídia as promessas da SAF de um “projeto de futebol a longo prazo”.

Era de encher o peito, o poder do grito de ganhar um jogo e de derrubar cartolas ineficientes. Nossa mística de acreditar no impossível parecia estar caindo em um esvaziamento doloroso.

Como uma entidade com 117 anos poderia estar sendo destruída pelo filho fidedigno do capitalismo, o tal do futebol moderno?! Me questionei dezenas de vezes sobre a execução deste trabalho.

O Clube Atlético Mineiro sobreviveu por muito tempo sem títulos, mas não sobrevive sem alma, e a alma é a massa. E onde ela está em meio a todo um projeto de “modernização”

que despreza sua existência? Se num passado recente vimos movimentos como “A Favela Voltou” e coletivos como o Raiz 1908 orquestrar festa com sinalizadores na arena, é porque, de alguma maneira, há resistência, somos resistência.

E foi movida pela dor e inquietação diante deste cenário, que decidi produzir um material com propósito de manter vivo nosso legado. Nossa História foi construída por meio de muita luta e o livro “O Nosso Amor a Gente Inventá”, usa a linguagem fotográfica para exaltar quem está por trás dessa luta: a massa.

Momentos de agitação. Momentos de devoção. Momentos de ternura. Momentos de sofrimento. Momentos de êxtase. Observar rastros pelo mundo. Congelar tudo isso através das minhas lentes e assim proporcionar uma experiência estética sobre a “massa atleticana”. Que permita leituras multifacetadas, claro, afinal, não trata-se de um experimento com pressão e temperatura controlada, muito pelo contrário.

Mais do que registro, a fotografia também nos permite um espaço de diálogo sobre passado, presente e futuro. É no olhar para o outro, com respeito e sensibilidade, que diferentes realidades se manifestam para além do contato visual. Comunicação é troca.

O antropólogo e fotógrafo belo-horizontino Patrick Arley, conhecido por um trabalho que ressignifica e valoriza a cultura negra em Minas Gerais, defende a ideia de que o “momento decisivo” na fotografia não diz respeito a quem fotografa, e sim à tentativa de quem é fotografado de dizer algo de si mesmo através da pose.

Isso resulta que algumas ótimas imagens parecem, à primeira vista, imagens ruins. É preciso mergulhar nelas; dissecá-las, talvez, em busca de coisas que nos incomodam em nós mesmos. Para que seja eficaz, esta fórmula mágica- nada acontece; uma imagem; algo se modifica - depende, primordialmente, de que as pessoas envolvidas não saibam posar, ou seja, não saibam contraenfeitar a câmera e anular seus próprios rastros adversos. (Arley, 2023, p.19)

Concordo com o autor e me surpreendi positivamente com as expressões mais diversas que posaram para minha câmera durante minhas andanças.

3.1 As andanças

3.1.1 A pureza da resposta das crianças

Começando a coser esse “mundo atleticano”, não vi escolha melhor se não pelas crianças. Para além do clichê de serem o nosso futuro, deixo os versos de Gonzaguinha, também escritos na obra, para refletirmos sobre as fotografias.

*“Eu fico com a pureza da resposta das crianças.
É a vida, é bonita e é bonita”*

Anteriormente citamos que o bonito do atleticano é o delírio coletivo que ele provoca. Pois bem, vejamos a reação de um grupo de crianças ao encontrar o mascote Galo Doido, na semifinal do Campeonato Mineiro 2025. Mais tarde, o Atlético ainda venceria o jogo por 2 a 0 contra a Tombense. Mas por hora, concentremos as atenções nas crianças.

Figura 10 - Galo x Tombense – Mineirão – Semifinal do Mineiro 2025



Durante o percurso, muitos sorrisos banguelas me pediram delicadamente para serem fotografados.

Figura 11 - Julia



Figura 12 - Lunna



Figura 13 - Maria Eduarda



Como no caso da Julia, (imagem 11) na festa de 3 anos da torcida Caligalo. Fui a convite de um dos integrantes, e de quebra levei a câmera. Julia não só me pediu para tirar a foto, como pediu a seus pais que ‘revelassem’ o resultado final.

Ou no caso da Maria Eduarda (foto 13), minha irmã. A foto é um registro do dia 8 de março de 2025. Dia em que o Galo foi campeão mineiro. Na ocasião, retornando do Mineirão, fui até o trabalho do meu pai e a encontrei lá. Não nos víamos há muitos meses. Ela me recebeu com um abraço muito apertado e disse: “Lud, o Galo foi campeão, me empresta sua camisa”. Emprestei. “Tira uma foto, tira uma foto minha”.

Também teve a Lunna (foto 12). Encontrei-me com ela no Bar do Faria, em Belo Horizonte, um reduto de atleticanos que também fez morada nas páginas do livro. Ela estava com seu pai. Tinha apenas cinco anos de idade e em posse de uma latinha de suco, acompanhava, atenta, a partida entre Atlético e Cienciano pela Copa Sul-americana. Pequena, mas já completamente imersa naquele universo.

Conhecia o dono do bar e trocava palavras com ele com uma naturalidade admirável. Eu estava com a câmera em mãos quando ela me pediu uma foto e abriu um sorrisão. Aquele clique já bastaria para compor a obra. Mas foi no intervalo do jogo que o momento mais bonito aconteceu. Lunna circulava pela birosca como se fosse da casa, à vontade, segura, sem o menor receio. Encostou-se na mesa de sinuca, cerrou os olhinhos com doçura e me lançou um sorriso. Registre.

Figura 14 - Livia



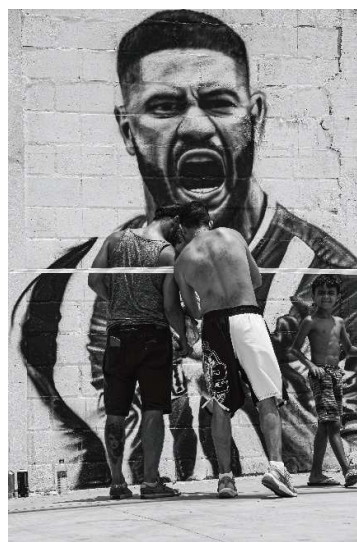
Ou mesmo a Livia, minha prima, uma menina de poucas palavras e um coração enorme. Muito tímida. Sempre foi. A imagem é de meados de 2024, numa época em que eu ainda morava em Mariana. Nossos encontros eram raros, quase sempre aos domingos, naquela rotina familiar que só a casa da vovó Sonia proporciona. Aconteciam sem planejamento, mas havia uma constante: em todos eles, Livia usava uma camisa do Galo.

Um dia, enquanto eu fotografava a família, comentei sobre isso. Ela me olhou com um sorriso contido e disse: "Eu me sinto mais forte assim." Fiquei comovida. Que orgulho me deu aquela resposta. Pedi para tirar uma foto dela, ela sorriu timidamente, não disse nada, e continuou tomando seu sorvete. Capturei esse momento

Figura 15 - Leo e Gabriel



Figura 16 - Califórnia Alvinegro



A foto 15 é única exceção temporal de todo o livro. Ela foi tirada no ano de 2015. São meus dois irmãos. Leo (de preto) e Gabriel (de branco). O espaço é a casa da vovó. Não era dia de jogo nem nada, era um sábado qualquer. Os dois vestiram suas camisas para brincarem de

futebol. Quis fotografá-los. Posaram orgulhosos em exhibir o escudo que carregavam no peito. Leo sempre encenando sua “cara de mau” e Gabriel com seu típico riso frouxo.

A imagem 16 foi tirada em novembro de 2023, durante o primeiro movimento do Califórnia Alvinegro - uma iniciativa independente da própria torcida para pintar os arredores da Arena MRV com símbolos que nos representam. Foi um dia agitado. Não conversei muito com o garoto na foto; meu diálogo principal foi com o pai dele, o grafiteiro Rafael Davi, que naquele momento eternizava ninguém menos que o Hulk em um dos muros.

Minutos antes do clique, conversávamos sobre as artes que estavam sendo feitas, sobre jornalismo, mídia, e outros assuntos diversos. Perguntei ao Rafael se podia fotografá-lo, e ele consentiu. Afastei-me um pouco para capturar o grafite inteiro e, *voilà*, o menininho surgiu no enquadramento.

Primeiro, me lançou esse olhar. Depois disso, fez várias estripulias diante da câmera. Mostrei a ele as fotos, e ele comentou que gostou mais da primeira porque, segundo suas palavras, dava para “ver o Hulk inteiro”.

Saindo um pouco da lógica das poses, na fotografia há também momentos que só são possíveis de capturar à medida que as pessoas não sabem que estão sendo fotografadas. Como muitas vezes aconteceu dentro ou aos arredores dos estádios.

Figura 17 - Explosão Mineirão



No caso deste garoto (foto 17), ele até sabia que estava sendo fotografado, porque olhou para mim várias vezes com a câmera em mãos apontada em sua direção, mas para ele isso pouco

importou. Campeonato Mineiro, no Mineirão, numa quarta-feira, às 21h30. Natural que o mais importante para ele naquele momento fosse cantar indiscriminadamente.

*“O meu pivete já torce pro Galão,
o fi do meu pivete vai trocar pro Galo”*

Se as crianças são o nosso futuro, é necessário que as ensinemos valores e tradições desde cedo.

25 de março de 2025: dia em que o Clube Atlético Mineiro completou 117 anos de existência. Era uma segunda-feira, 23h. Estávamos em vigília. Dentre as centenas de pessoas que estavam na porta do CT no Lourdes, várias crianças. Era de marejar os olhos vê-las sobre as cacundas de seus pais, imersas naquele mundo de amor e devoção.

Figura 18 - Vigília 117 anos



Figura 19 - Vigília 117 anos



Figura 20 - Vigília 117 anos



Dar educação também implica na responsabilidade de ser abrigo quando a frustração da criança vem à tona com o novo capítulo da história. Essa necessidade de abrigo não se esvai na vida adulta, mas é que a gente vai ficando calejado ao longo do tempo e aprende mesmo a internalizar aquela máxima: “se não for sofrido, não é Galo”.

Um dia que de fato precisou desse abrigo foi no dia em que as três fotos seguintes foram tiradas. O dia em questão foi um jogo entre Atlético e Vitória, na Arena MRV. Jogo sábado, com preços atrativos. Estádio cheio. Muitas famílias presentes.

Na época, outubro de 2024, Belo Horizonte enfrentava uma forte onda de calor, com temperaturas acima de 35° e uma umidade relativa do ar baixíssima. Eu me lembro bem, porque

no jogo em questão, minha garganta ia mal e precisei levar um vidro de própolis para aguentar ritmo. “Deixa o caldeirão ferver”.

O Campeonato Brasileiro já se aproximava do final e o Galo ainda tentava se classificar para a Libertadores. Já o Vitória lutava contra a zona de rebaixamento.

O primeiro tempo do jogo foi estrondoso. Fausto Vera marcou para o Galo logo aos 8 minutos e Vargas ampliou ao final da etapa. Isso sem contar as chances perdidas. Corpo e coração da torcida aquecidos.

No segundo tempo, já não existia o time que entrara em campo minutos antes. O Galo se perdeu e o Vitória aproveitou. Correram atrás do empate e quase saíram com o triunfo, se não fosse o impedimento marcado ao final do jogo. Para piorar a situação, Everson ainda foi expulso por colocar a mão na bola fora da área.

Inacreditável. Acompanhei a garota da foto 22 desde a saída das arquibancadas. Em expressão de total desalento, seu gesto foi apenas o de escorar em seu pai. Não disse uma palavra. Os olhares da foto 23, tiradas ainda durante o jogo, falam por si só.

Figura 21 - Galo x Vitória na Arena - a chegada



Figura 22 - Galo x Vitória na Arena - saída



Figura 23 - Galo x Vitória na Arena



Por mais que às vezes seja doloroso, o Galo é isso. Na alegria e na tristeza. Contagiando multidões de gerações em gerações. “De pai pra filho”. (24-25)

Figura 24 - De pai pra filho



Figura 25 - De pai pra filho



3.1.2 “Eu dou a volta, eu pixo o muro”

As ruas são vivas. Falam. Gritam. Sussurram. Cantam. Protestam. Os muros carregam o tecido da cidade. Muros que podem ser ponte para novos mundos possíveis ao nos tirar da indiferença. Arte urbana é identidade e resistência.

Andando por vários cantos de Belo Horizonte, uma presença que se espalhou com a naturalidade de quem sempre pertenceu: a do Galo.

Figura 26 - Sion / BH

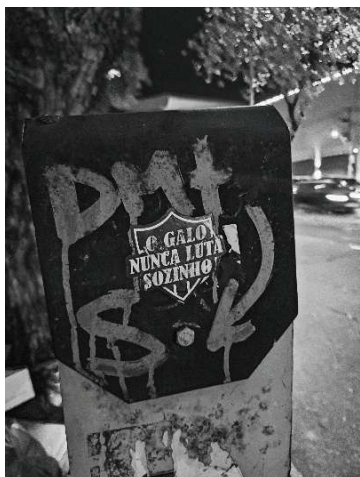


Figura 27 – Califórnia / BH



Figura 28- São Cristóvão / BH



Figura 29 – Lourdes / BH



Figura 30 - Califórnia / BH



Em 2024, minha vida pessoal foi atravessada por uma série de adversidades. Foi um ano duro, silencioso em certos aspectos, barulhento em outros. No meio desse turbilhão, a arte urbana. Aqui decidi abrigar apenas os registros que, de alguma forma, me causaram arrebatamentos profundos justamente nos momentos mais complicados. Imagens que no frenesi do cotidiano me fizeram parar e respirar. Ou, ao menos por um instante, me ofereceram uma fuga da realidade, como acontece quando estamos nas arquibancadas, imersos em algo maior do que nós, onde o tempo e os problemas parecem se deslocar.

A escolha do uso das cores no último muro, vem desse lugar da arte de dar “cor à vida”. Aproveitando essa deixa, já digo que o uso do preto e branco nas fotos não se limita ao fato de ser nossa identidade visual. Para mim, representam o contraste que define nossa torcida. Amor e sofrimento. Glória e espera. É luz e sombra. É crueza de sentimentos.

3.1.3 “Eu tomo todas numa boa”

Da rua para o buteco (com “u” mesmo) é um pulo. E eu sou apaixonada por esses espaços. Talvez ser nascida e criada em Belo Horizonte, capital mundial do buteco, ajude a entender essa paixão.

Logo nas primeiras concepções de “O Nosso Amor a Gente Inventa”, eu já sabia que os bares iriam fazer parte da narrativa, porque os enxergo como opostos ao processo voraz de arenização. Refiro-me a bares com copo lagoinha, tira-gosto e cardápio de papel, sem maiores requintes. Tal qual escreveu o historiador Luiz Antônio Simas, em *Do Porto ao Botequim - Um Chamado ao bom Combate*:

O buteco é a casa do mal gosto, do disforme, do arrotado, da barriga indecente, da grosseria, do afeto, da gentileza, da proximidade, do debate, da exposição das fraquezas, da dor de corno, da festa do novo amor, da comemoração do gol, do exercício, enfim, de uma forma de cidadania muito peculiar. É a República de fato dos homens comuns. (Simas, c. 2009)

“A comemoração do gol”. Futebol e buteco sempre foram amigos íntimos. Lá ganha espaço o futebol que transcende os gramados, que gera afeto, que gera memórias.

O livro traz alguns exemplares da boemia e que me ajudaram a reforçar a “atleticanidade” no mundo.

Figura 31 - Bar do Pelé



Figura 32 - Bar do Pelé



Figura 33 - Bar do Pelé



Figura 34 - Bar do Pelé



Memórias, às vezes, se eternizam na parede do lugar, como no caso do Bar do Pelé, em Ouro Preto. O cenário do bar contrasta com a arquitetura colonial da cidade. Não há igrejas nem cruzeiros à vista: ali, os ícones sagrados são outros.

Embora morasse em Mariana por conta da graduação, nunca fui muito atraída por Ouro Preto. Havia um incômodo que eu não conseguia explicar, talvez visual, talvez emocional. Por isso, demorei a conhecer o Bar do Pelé.

A primeira vez aconteceu por indicação de Artur, amigo e atleticano aguerrido, que não estaria na região dos inconfidentes para o jogo que viria. Era um clássico entre Galo e Raposinha (como estava escrito na placa no bar). A partida seria num sábado, às 19h30. Eu voltava de Belo Horizonte e, por questões de logística, decidi já ficar por lá. Cheguei cedo, por volta das 16h. Aluizio Teixeira, o Pelé, estava abrindo o bar.

Sentei-me, pedi uma cerveja e fiquei a admirar o lugar. Eram tantos símbolos que carregavam a história do Atlético, que uma leitura minuciosa demoraria dias. Por lá já passaram nomes importantes da história do Clube, como Reinaldo e Alexandre Kalil.

Como o bar ainda estava abrindo, a única freguesa era eu. Aproveitei para puxar um papinho com o Pelé pra conhecer um pouquinho da história do lugar, muito bonita por sinal, permeada de trocas ao longo do tempo. Sem a massa o bar não seria o que é hoje.

Já eram quase 17h quando um público inesperado, ao menos para mim, começou a chegar ao lugar. Eram grupos de jovens universitários que, à primeira vista, não demonstravam interesse algum no jogo que aconteceria mais tarde. Não demorou para que eu entendesse tudo. Além da cerveja estupidamente gelada e a preço bom, no Bar do Pelé guarda-se um outro atrativo: um digno karaokê. Achei interessante a euforia do pessoal. “Vamos aproveitar enquanto ainda dá tempo, quando chega perto da hora do jogo, acabou, o Pelé para tudo”, disseram.

Dito e feito. Lá pelas 18:30, esse pessoal começou a ir embora e deram lugar pros torcedores começarem a chegar. O bar foi enchendo rapidamente com dezenas de camisas do Galo. Como cheguei cedo, tinha uma mesa para dividir com meu amigo Henrique que logo chegaria. Assim como eu, ele também conheceria o bar pela primeira vez.

O clima de festa foi tomando conta do espaço e sem esperar parecíamos ter sido transportados para um pré-jogo no estádio. Cerveja, batuque, vozes em coro. O Pelé com um tambor em mãos e sua voz grave orquestrando a festa. Eu e Henrique embalamos, meio incrédulos mesmo. Como não conhecíamos esse lugar antes?

O jogo começou. E, bom... o Galo perdeu por 2 a 0. Não vamos entrar em detalhes.

Fato é que, depois desse dia, voltamos lá várias vezes. Voltamos e vimos o Galo ser campeão mineiro com um 3 a 0 em cima de quem? Da Raposinha. Resultado disso: ganhamos não só o título, como um registro nosso nas paredes do bar do Pelé.

Figura 35 - Bar do Pelé



Figura 36 - Eternizados no Pelé

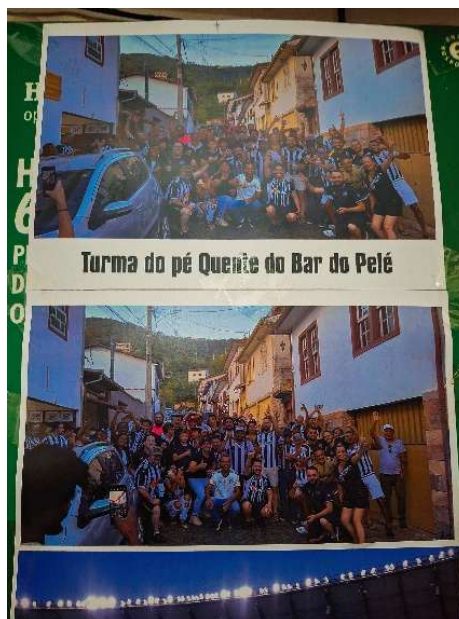


Figura 37- Bar do Salomão



Figura 38 - Bar do Salomão



Figura 39 - Bar do Salomão



Figura 40 - Bar do Salomão



Poderia começar falando dos mais de 70 anos de história do Bar do Salomão, na Rua Ouro, em Belo Horizonte, bem ali, na intersecção entre a favela e o bairro da Serra. De como o

bar era um dos redutos mais tradicionais da cidade. Reduto não só da massa atleticana, mas também do choro belo-horizontino.

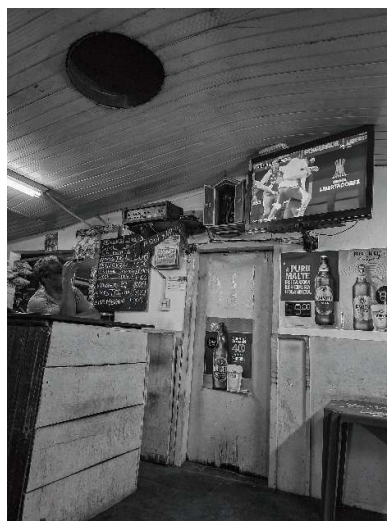
Apenas poderia, porque o bar foi vendido em agosto de 2025, dias antes da finalização deste trabalho. E adivinhem: agora será inaugurada uma farmácia. Mais uma. Salomão Jorge Filho, o atual proprietário, afirmou que a proposta pelo imóvel era irrecusável. Também prometeu abrir o bar em outro lugar, mas disso ainda não temos detalhes.

Um desastre, por motivos já citados anteriormente neste memorial.

Figura 41 - Snook Bar Terraço



Figura 42 - Snook Bar Terraço



Ainda que só tenha dois registros no livro, o Snook bar Terraço, dentre os bares citados, é sem dúvida, o mais caro para mim. Foi graças a ele que este trabalho pôde existir. Snook foi refúgio. Refúgio durante os anos de graduação, sobretudo nos momentos em que a cidade parecia hostil ou a rotina acadêmica, insustentável.

Conhecer o bar foi, de certa forma, inescapável. Era o único buteco "copo sujo" no centro de Mariana que reunia tudo o que importava: mesas de sinuca e a cerveja mais gelada (e mais barata) do centro.

Confesso que no começo foi um pouco difícil. Wilson, o dono do bar, não era muito “flor que se cheirasse”. Um dia discutimos por causa de um problema com a maquininha de cartão - método de pagamento que tinha sido adotado a pouco tempo. Depois do episódio disse que não voltaria mais lá, enquanto ainda morasse na cidade. Daí, caí novamente num beco sem saída: sendo o único buteco do centro, onde eu assistiria os jogos do Galo? Dois meses depois, lá estava eu de volta.

Foram várias idas, às vezes acompanhada do Henrique, às vezes sozinha. Não só me reconciliei, mas criei um vínculo indescritível com o Wilson, que não por acaso, é atleticano fanático. “E aí, Atleticana? /E aí, Atleticano”, seguido de um forte aperto de mão, passou a ser nosso cumprimento oficial. O resto é História.

Aqui não quero correr o risco de ser simplista, se fosse narrar cada um dos momentos que passei no Snook, seja de alegria ou de tristeza, é certo que escreveria um livro.

Figura 43 - Serrotinhos Bar



Figura 44 - Serrotinhos Bar



Desde que voltei a Belo Horizonte, conheci o bar Serrotinhos. Ele é um daqueles lugares que a gente encontra por acaso e logo adota como ponto de parada, literalmente. No meu caso, o acaso tem rota certa: para voltar do trabalho pego duas conduções, e a primeira me deixa justamente na porta do bar. Ao contrário dos outros bares, o atrativo maior nem foram os jogos do Atlético, mas sim a estufa de brilhar os olhos com tira-gostos deliciosos e a cerveja estupidamente gelada que é servida lá.

Virei frequentadora assídua do local e, como não há escapatória, acabei me deparando com vários dias em que os jogos do Galo estavam sendo transmitidos. A imagem 43 foi uma vez que Everson escreveu mais um belo capítulo na História do time. O goleirão brilhou com as mãos e com os pés na decisão por pênaltis contra o Bucaramanga pela Copa Sul-americana e garantiu o avanço da equipe para a próxima fase da competição.

Em uma dessas minhas idas até o bar, acabei esbarrando com o Hugo, um amigo de Mariana. Era um dia comum, que acabou rendendo boas conversas, algumas risadas e a percepção da potência de vínculos que alguns lugares carregam (especialmente os bares).

Falamos bastante sobre o atual momento do Galo e, adivinhem? Hugo estava vestindo um manto da Resistência Alvinegra. Não teve outro jeito: registrei o momento.

Figura 45 - Bar do Faria



Figura 46 - Bar do Faria



Figura 47 - Bar do Faria

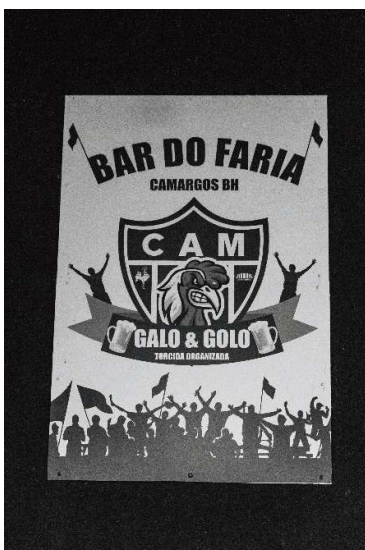


Figura 48 - Bar do Faria



Conhecer redutos de atleticanos é sempre bom. Cada um tem sua maneira própria de viver a paixão pelo Galo. O Bar do Faria foi o último que conheci.

Localizado no bairro Camargos, em Belo Horizonte, cheguei lá pela primeira vez a convite de um amigo.

O Faria, dono do bar e figura central da área, é desses personagens que dão alma ao ambiente. Bairrista ao extremo, ele prepara bem na nossa frente uma asinha empanada, que segundo relatos, gente de longe cruza a cidade só para provar. E olha... tenho que admitir: mesmo não sendo grande fã de frango, foi aprovadíssima.

O bar leva o conceito de família a sério. Ali não tem garçom nem conta na mesa: o cliente mesmo vai até o freezer, pega sua cerveja, e depois sinaliza o que consumiu. Confiança e respeito são a base.

De tão bairrista, o Faria até fundou até uma organizada, a “Galo e Golo”, é a cara do Bar.

Figura 49 - Barraca da Graça / RJ



Figura 50 - Aquilombar / DF



É bem verdade que extrapolamos as fronteiras de Minas Gerais. Perceber a presença do Galo em outros estados me permitiu observar afirmações identitárias de diferentes ordens.

Seja como no caso da Graça, dona de uma barraca na praia de Copacabana, que mantém as cores, o escudo e a bandeira à mostra em pleno Rio de Janeiro.

Ou mesmo de um vínculo que não nasce da paixão clubística, mas no que o Galo simboliza. Foi o que vi no Aquilombar, em Brasília, um espaço de cultura negra, que abriga,

entre tantas imagens potentes, uma foto de Reinaldo. Ali, o símbolo ultrapassa o ídolo, Rei está ali como figura política, como corpo que rompeu estruturas, como homem negro que cerrou os punhos em plena ditadura militar.

São expressões diferentes, mas que se conectam por algo maior: o Galo como linguagem, como gesto, como resistência que ecoa além das quatro linhas.

3.1.4. “E vou torcer para o Galo”

Ir ao estádio é enfim a união de todas as infinitas identidades da nossa massa. É a hora que nos despimos de toda e qualquer vaidade para enfim viver algo maior que nós. Isso inclui os rituais, do antes e depois do jogo.

Figura 51 – O dia em que eu conheci a Arena



Figura 52 – Saída da Arena MRV



Figura 53 – Saída da Arena MRV



Figura 54 – Mineirão na final do Mineiro 2025



Figura 55 – Rua do Peixe



Figura 56 – Rua do Peixe



Figura 57 – Maracanã – Libertadores 2024



Figura 58 – Mineirão na semifinal do Mineiro 2025



Figura 59 – Mineirão na final do Mineiro 2025



Figura 60 – Mineirão semifinal Campeonato Mineiro 2025



Na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença.

Figura 61 – Final da Libertadores 2024



“Se houver uma camisa preta e branca pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento” - Roberto Drummond.

Figura 62 – Vigília 117 anos



Figura 63 – Galo Doido na Vigília de 117 anos



Cada imagem guarda a promessa de uma melodia. Mesmo estático, o livro faz o leitor ouvir. A massa não está só na fotografia, ela está no coração que bate junto, na voz que canta e no chão que vibra sob milhares de pés.

Já que a ideia aqui foi falar dessa identidade coletiva, para enfim dar ritmo a narrativa do material fotográfico apresentado, “O Nosso Amor a Gente Inventa”, valeu-se sobretudo de letras de canções. Além de ser um forte traço do mundo futebolístico, o som carrega uma forte

carga imersiva que é capaz de ampliar a produção de sentidos sobre determinado assunto. Um aliado muito poderoso, pois como já citado anteriormente, a massa atleticana é ligada pelo mesmo amor, mas anda longe de qualquer heterogeneidade.

Festejemos!

‘CAMCLUSÕES’

O Galo é amor. E como diria o poeta Arlindo Cruz: “até hoje ninguém conseguiu definir o que é amor”. Que seja, “o nosso amor a gente inventa, pra se distrair”. Nesse papo de invenções, penso que o Atlético é uma utopia de um mundo melhor. E isso vai muito além do futebol.

A Massa não é apenas um público, é uma comunidade viva, que constrói e reconstrói sua identidade a cada vibração. É a manifestação coletiva de afetos, memórias e tradições, que partilham de um ponto comum.

É certo que cenas da torcida como aquelas de 2005 ou de 2013 não serão mais repetidas. Mas não acho que as emoções morreram, acho que os afetos se reinventam de acordo com o tempo e espaço em que estão situados.

Acredito que produzir este material no lugar de jornalista, pesquisadora, e torcedora, não configurou um inconveniente ou a perda do senso crítico, ao contrário, me permitiu registrar legítimas expressões do imaginário das tradições da Massa. Traduzir em imagens aquilo que palavras sozinhas não conseguem capturar.

A fotografia aqui é rota de fuga. É sobre nós. É ter cuidado para olhar com calma. Mais do que registro, minha ideia foi a de permitir reconhecimento, ou seja, conhecer em outros termos. As fotos têm esse poder de permitir múltiplas leituras de um mundo.

O tributo à Massa é produto das histórias e memórias vivas que emanam dos sujeitos que a compõem. É fruto do amor reinventado. Diverso, plural e intenso. Este tributo é luz e som, imagem e emoção, preto e branco. É a paixão que não se cansa de existir.

É bem certo que as discussões acerca da identidade da torcida atleticana não se esgotam aqui. Nem devem. O melhor seria se pudesse terminar esta reflexão com legítimas reticências. Ao invés disso, deixarei uma poesia que li há alguns dias, de autoria do fotógrafo Ronald Cruz. O artista pensa sobre vida e espiritualidade a partir das fotografias tiradas de sua sobrinha Ayoluwa interagindo com um Galo de estimação (a, Ayoluwa também é Galo Doido).

A vida é complicada mesmo

Às vezes eu tento pensar enquanto um galo

O galo não tem medo do próprio canto

Ele canta errado

Ele canta fora de hora

Ele canta mesmo quando ninguém quer ouvir

O galo é caos dentro da ordem

É aviso sem pedido

É o corpo lembrando que viver é barulho

Penso enquanto galo porque galo não pede licença

Ele anuncia a transformação mesmo quando ninguém acredita

Ele acorda o escuro

Ele rasga a calma

Ele chama o dia sabendo que o dia também vai morrer

As vezes penso enquanto galo porque galo é exu em forma de

Grito

Abre caminho e atrapalha o passo

Ri da queda e mostra que tropeço também é dança

Galo sabe que sorrir pode ser faca

Mas mesmo assim sorri

Viver é isso; contradição

É se perder para se achar

E mudar sem ter certeza

É rir de si no meio da tragédia

É cair no caos e descobrir que o caos também é ninho

E quando o galo canta dentro de mim

Não é o sol que ele anuncia

É a vida inteira me chamando

Sem medo

Sem ensaio

Sem garantia

(Ronald Cruz)¹⁶

¹⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DNhC-3rMAYO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MTM0dDl1amJ0dGhiZg==

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Gustavo. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba, Appris, 2019.
- ANTONIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- ARLEY, Patrick. **Moçambique – Brasil, uma ponte contra colonial**. Belo Horizonte, 2023.
- AVELAR, 2006 apud NOGUEIRA, Armando. **A Massa**. Disponível em: <https://chicomaia.com.br/2011/03/26/a-massa-homenagem-pelos-103-anos/>
- DAMO, Arlei. **Futebol e Identidade Social**. Rio Grande do Sul, UFRGS, 2002.
- DUCCA, Caio; ARREGUY, Cássio; ARREGUY, Clara; LIMA, Daniel; LIMA, Philipe. **Nós Somos do Clube Atlético Mineiro**. Belo Horizonte, Onze, 2022.
- DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol**. Revista USP. São Paulo, v .22, p. 10-17, 1994.
- DRUMMOND, Roberto. **Se Houver Uma Camisa Preta e Branca**. c. 1985. Disponível em: <https://mondolivro.com.br/para-ele-roberto-drummond-todas-as-camisas-e-bandeiras-do-galo-tremulam/>
- EDGAR FILHO; MUSSA, Beto; SIMAS, Luiz Antonio. **Do porto ao botequim – um chamado ao bom combate**. Galeria do Samba, 2009. Disponível em: https://galeriadosamba.com.br/artigos/do-porto-ao-botequim-um-chamado-ao-bom-combate/saideira/272/#google_vignette
- FREIRE, Alexandre. **Preto no Branco. Ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: O Galo entre a paixão e a razão**. Belo Horizonte, Ed. do autor, 2007.
- OLIVEIRA, José Eustáquio in: GALUPPO, Ricardo. **Raça e amor: A saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- PAIVA, Fred. **O Atleticano vai ao Paraíso**. São Paulo, Ed. do autor, 2013.

RIBEIRO, Rafael Rajão in: SILVA, Silvio Ricardo da; DE BORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 261 p.
Disponível em: <https://gefut.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-futebol-nas-gerais-1.pdf>.